

Por que um número especial sobre *Qualidade de Vida*?

Embora sendo uma das expressões de maior recorrência na literatura internacional relacionada ao campo da saúde, merecendo, mesmo, uma revista e uma sociedade científica dedicadas a essa questão, no Brasil o seu enfoque em periódicos tradicionais ainda é raro, mas a multiplicidade de referências ao tema, nos recentes encontros ou congressos dos profissionais da área, demonstra a sua importância e justifica o nosso esforço para realizar este projeto. Os questionamentos se multiplicavam: mas, afinal, o que é isto – a qualidade de vida – em sua relação com a saúde? Como apreendê-la em suas múltiplas dimensões médico-sociais? Por que definir padrões de aferição ou percepção para escolher e otimizar intervenções e políticas de saúde? Que indicadores estão diretamente associados à qualidade de vida dos indivíduos e coletividades?

O desafio de tentar responder, ainda que parcialmente, algumas dessas indagações, ou de estabelecer os contornos desse campo semântico – condições de vida, estilo de vida, promoção da saúde etc. – e suas mediações e implicações para a pesquisa, as práticas e as políticas públicas, nos pareceu uma grande ousadia, mas sabíamos que não estávamos sozinhos. A presença de parceiros dispostos a formular conosco indagações e pistas de resposta como co-autores desta proposição se faz sentir no Debate que promovemos entre pares e que nos permitiu mapear os diversos aspectos dessa problemática, julgada unanimemente de extrema relevância. Alguns comentários preliminares podem dar uma idéia aos colegas-leitores das contribuições científicas que se seguem. A primeira delas, uma análise dos instrumentos de medida da qualidade de vida, já disponíveis ou em fase de desenvolvimento, com suporte da Organização Mundial da Saúde (OMS), reiterando a complexidade da sua validade de construção, conteúdo e critérios, presente no discurso dos debatedores. A qualidade de vida, em sua exigência de equidade, no enfoque das desigualdades sócio-sanitárias e na busca de alternativas para minimizá-las, se coloca como principal eixo do conjunto produzido, seja no debate ou nos demais artigos. E a promoção da saúde é apresentada como estratégia privilegiada para articular, sem o reducionismo médico, as diversas iniciativas e proposições intra/intersetoriais que valorizam a qualidade de vida.

Gostaríamos de salientar que, embora sem qualquer pretensão de exaustividade, nas opções privilegiadas em relação à multiplicidade de enfoques e de convidados passíveis de colaborarem neste projeto, o produto final nos deixa com a convicção de termos cumprido o objetivo comum de estar sistematizando e facilitando o acesso a um conhecimento técnico-científico que possa instrumentalizar propostas para a melhoria da qualidade de vida relacionada à saúde. Como os leitores perceberão, alguns dos questionamentos iniciais permanecem, quando se considera o conjunto de artigos apresentados. O debate intelectual ou científico não assegura maior lucidez, mas deve ampliar os recursos lógicos, influenciando escolhas, e pelo menos duas conclusões merecem destaque: (1) os temas qualidade/condições de vida, aqui preponderantes, não se equivalem nem se excluem no campo acadêmico ou político, exigindo maior investimento nos critérios e indicadores aproximativos de sua aferição e aplicação; e (2) ainda que em nome de uma “maior utilidade” dos investimentos públicos, para melhorar a qualidade de vida, não podemos permitir que o economismo nos ilumine sem nos perguntarmos sobre as sombras que ele projeta.

Zulmira Maria de Araújo Hartz
Editora convidada

Why a special number on *Quality of Life*?

Although this is one of the most recurrent expressions in the international literature related to health, being worthy of a scientific publication and a society devoted to it, this issue is still rarely addressed in Brazilian traditional journals. However, the great number of references made to it in recent health meetings or congresses shows its importance and corroborates our effort in undertaking this project. Many were the questions: but what is this – quality of life – in its relation to health after all? How to understand it in its multiple medical-social aspects? Why determining measurement or perception standards for one to define and optimize health interventions and policies? What indicators are directly associated with the quality of life of individuals and communities?

This seemed to be a great challenge, i.e., attempting to answer, yet partially, to some of these questions or determining the outlines of this semantic field – living conditions, way of life, health promotion, etc. –, its mediations and implications for research, practices and public policies, but we knew that we were not alone. The existence of partners eager to develop questions and answer clues together with us as co-authors of this proposition is evidenced in the Debate that we promoted and that helped us to identify the various aspects of this subject, whose extreme relevance was a consensus. A few preliminary comments may give an idea to you, fellows-readers, of the scientific contributions ahead. Initially, first of all, it is analyzed the available tools for measuring the quality of life, as well as those being developed with WHO support, thereby confirming its intricate construction, content and criteria validity, present in the speeches of debaters.

In its demand for equity, in the approach to social and public health inequalities, and in the search of forms to minimize them, the quality of life becomes the leading element both in the debate and in the other papers. And it is presented an extensive review of the emergency and development of the concept of health promotion, which is becoming a privileged strategy for the articulation, without the medical reductionism, of various intra/intersectoral efforts and propositions to improve the quality of life.

Although not intending to be exhaustive as to the various approaches of and guests that may collaborate with this project, the outcome makes us feel confident that we have achieved the common goal of systematizing and facilitating the access to a technical-scientific knowledge that can generate proposals to improve the quality of life related to health. As you readers will notice, some of the early questions remain unanswered, considering the overall papers presented herein. The intellectual or scientific debate cannot assure more lucidity, but it must increase the logical resources, thus influencing choices. In this sense, two conclusions deserve some note: (1) the subjects quality of life and living conditions are not equal to nor exclude each other in the academic or political field, and investments in criteria and approximative indicators for their measurement and use should increase; and (2) although claiming “more usefulness” of public investments to improve the quality of life, we should not let economism illuminating us without asking ourselves about the shadows it may project.

Zulmira Maria de Araújo Hartz
Guest editor